

VERSION PORTUGAISE ET COURT THÈME

I. VERSION

Uma carta póstuma

Às onze horas da noite, o comandante recolhera-se num beliche de passageiros, e Mariana, sentada no pavimento, com o rosto sobre os joelhos, parecia succumbir ao quebranto das trabalhosas e aflitivas horas daquele dia.

Simão Botelho velava, prostrado no camarote, com os braços cruzados sobre o peito, e os olhos fitos na luz que balançava, pendente de um arame. O ouvido tê-lo-ia, talvez, atento a um assobio da ventania : devia de soar-lhe como um ai plangente aquele silvo agudo, voz única no silêncio da terra e céu.

À meia noite estendeu Simão o braço trémulo ao maço das cartas que Teresa lhe enviara, e contemplou um pouco a que estava ao de cima, que era dela. Rompeu a obreia, e dispôs-se no camarote para alcançar o baço clarão da lâmpada.

Dizia assim a carta :

« É já o meu espírito que te fala, Simão. A tua amiga morreu. A tua pobre Teresa, à hora em que leres esta carta, se me Deus não engana, está em descanso.

Eu devia poupar-te esta última tortura ; não devia escrever-te ; mas perdoa à tua esposa do Céu a culpa, pela consolação que sinto em conversar contigo a esta hora, hora final da noite da minha vida.

Quem te diria que eu morri, se não fosse eu mesma, Simão ? Daqui a pouco, perderás de vista este mosteiro ; correrás milhares de léguas, e não acharás em parte alguma do mundo, voz humana que te diga : — A infeliz espera-te noutra mundo, e pede ao Senhor que te resgate.

Se te pudesse iludir, meu amigo, quererias antes pensar que eu ficava com vida e com esperança de ver-te na volta do degredo ? Assim pode ser, mas, ainda agora, neste solene momento, me domina a vontade de fazer-te sentir que eu não podia viver. Parece que a mesma infelicidade tem às vezes vaidade de mostrar que o é, até não podê-lo ser mais ! Quero que digas : Está morta, e morreu quando eu lhe tirei a última esperança.

— Isto não é queixar-me, Simão : não é. Talvez que eu pudesse resistir alguns dias à morte, se tu ficasses ; mas, de um modo ou outro, era inevitável fechar os olhos quando se rompesse o último fio, este último que se está partindo, e eu mesma o oiço partir.

Camilo Castelo Branco
Amor de perdição (1863),
Lisboa, Porto Editora, p. 237-238.

II. THÈME

Poète de la forme

Il n'y a pas de belles pensées sans belles formes, et réciproquement. (...) De même que tu ne peux extraire d'un corps physique les qualités qui le constituent, c'est-à-dire couleur, étendue, solidité, sans le réduire à une abstraction creuse, sans le détruire en un mot, de même tu n'ôteras pas la forme de l'Idée, car l'Idée n'existe qu'en vertu de sa forme. Suppose une idée qui n'ait pas de forme, c'est impossible, de même qu'une forme qui n'exprime pas une idée. Voilà un tas de sottises sur lesquelles la critique vit. On reproche aux gens qui écrivent en bon style de négliger l'Idée, le but moral ; comme si le but du médecin n'était pas de guérir, le but du peintre de peindre, le but du rossignol de chanter, comme si le but de l'Art n'était pas le Beau avant tout !

Gustave Flaubert, « Lettre à Louise Colet »,
18 septembre 1846
Préface à la vie d'écrivain Paris, Seuil, 1963